

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Modo de pagar	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porta
Anno ou 24 numeros .....	25000	Trimestre ou 6 numeros .... 5650
Semestre ou 12 numeros .....	15000	N.º avulso ou pago a entrega 5120
ESTRANGEIRO UNICO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros .....	35000	Semestre ou 12 numeros .... 18500

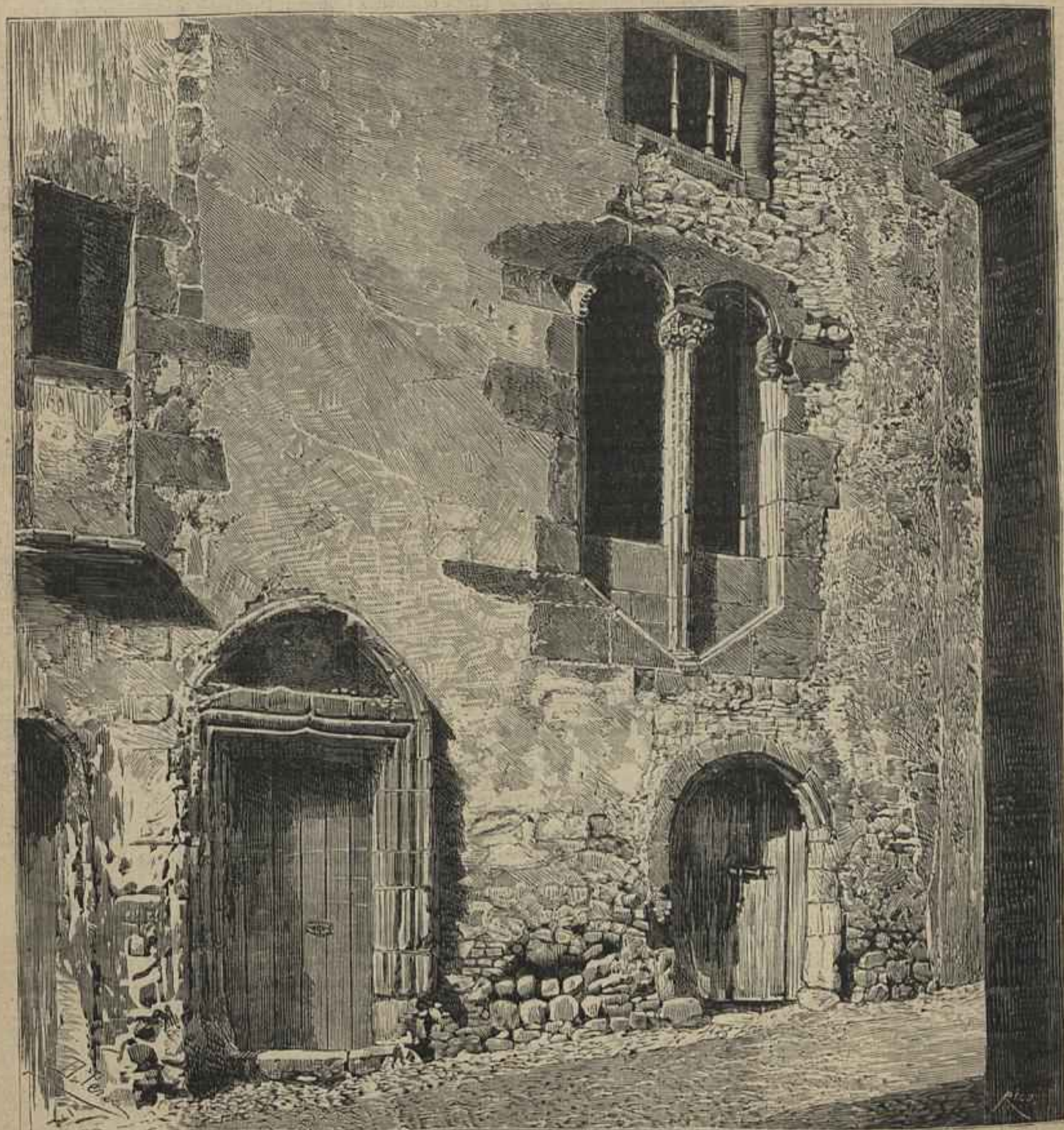
2.º ANNO—VOLUME II—N.º 34

15 DE MAIO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LOUREIRO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



ANTIGUIDADES HISTORICAS — CASA NA ILHA DA MADEIRA, ONDE SEGUNDO A TRADIÇÃO, RESIDIU CHRISTOVÃO COLOMBO  
(Segundo uma photographia de Camacho)

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Hernani, O Idílio do 5.º acto, VICTOR HUGO, traducção de PIERRE CHAGAS — Casa dos Esmeraldos na Ilha da Madeira, onde, segundo a tradição, residiu Christovão Colombo — Casa dos Esmeraldos na Ilha da Madeira, onde, segundo a tradição, residiu Christovão Colombo — Ponte sobre o Cávado, junto de Barcellos — Vista da Praia da Ribeira em S. Thomé — Flora, busto em gesso de Rodrigues Vieira — Felix Antonio de Brito Capello — José Maria da Silva e Albuquerque — Olympio Nicolau Roy Fernandes, I. — As nossas gravuras — Damião de Goss, Graça Barreto — Actualidades scientificas, a lua será habitada? C. FLAMERION — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, — Busto REBELLO — Bibliographia.

**GRAVURAS.** — Casa na Ilha da Madeira, onde segundo a tradição, residiu Christovão Colombo — Sala no primeiro pavimento da casa, onde segundo a tradição, residiu Christovão Colombo — Ponte sobre o Cávado, junto de Barcellos — Vista da Praia da Ribeira em S. Thomé — Flora, busto em gesso de Rodrigues Vieira — Felix Antonio de Brito Capello — José Maria da Silva e Albuquerque — Olympio Nicolau Roy Fernandes — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Victimas dos gracejos mais pungentes, alvo dos mais acerados epigrammas, thema dos ditos mais picarescos, assumpto dos piparotes mais funambulescos, todos pensavam que o *Te-Deum* mettesse a *viola no sacco* e se fosse embora, dando por finda a sua missão nas sacristias, no momento em que os rouxinoes festejam com os seus canticos nunca ouvidos na Sé Patriarchal a apoplexia de rosas que acaba de dar nas montanhas.

Mas não senhor:

O *Te-Deum* ainda resiste, cheio d'intrepidez, como um sujeito que tem contas a ajustar com alguem e que se não quer ir embora sem dar uma lieção n'um *Te-Deum* seu vizinho que o desafiou sem saber com quem se mettia. N'este momento a sociedade portugueza é uma feira aonde os *Te-Deum* andam á paulada uns aos outros. O *Te-Deum* da associação 24 de Junho, sovou-os a todos e, o proprio *Te-Deum* da camara municipal que por um momento tinha fiado só em campo, apparece agora com um gallo na corôa, não tardando talvez que o *Te-Deum* do governo tome parte na contenda dando uma sova mestra em todos os seus rivaes.

A municipal não tem tido sabres a medir. Todos os dias chegam a Lisboa noticias de rixas travadas entre os *Te-Deum* da provincia. No mundo das opas vermelhas lavra uma agitação profunda e os pingos de cera começam a correr nas calvas dos irmãos do Santissimo! Tocamos aquelle momento de crise em que a oração é substituida pelo apito!

Eis aqui o que o amor... proprio d'um povo é capaz de fazer em testemunho da defferencia que lhe merece uma rainha sympathica! Entretanto, eu creio que houve um *Te-Deum* entoadado pela sinceridade publica, mas esse não se mandou annunciar nos jornaes nem procurou as egrejas do Chiado, afim de que a sua crença desse mais nas vistas.

Tambem é por isso que não hade apanhar a commenda da Conceição, nem ser feito visconde.

— Maio, não obstante, atira sobre nós bracos de flôres, em quanto o parlamento, pela calada da noite, continua a legislar ao som do bandolim. Devia tomar-se uma providencia legislativa para que as sessões nocturnas se fizessem n'um bosque sobre a praia devendo os ministros comparecer no parlamento mettidos n'um barco sobre o Tejo.

As leis assim discutidas teriam uma influencia muito mais benefica e muito mais lyrica sobre o espirito publico portuguez, evitando-se ao mesmo tempo a dolorosa circumstancia constitucional de muitas vezes não haver sessão por falta de numero.

Como devia ser agradável, por exemplo, discutir o orçamento do ministerio da guerra ao piano? Quando a opposição bradasse

que o sr. presidente do concelho nada tem feito em prol do exercito, S. Ex.ª levantava-se pedia a partitura, tornava a sentar-se e executava, entre os applausos da camara, a marcha triumphal 8 de Setembro, cuja proficuidade em face da nova estrategia e da moderna sciencia de guerra ninguem ousará contestar!

E interrogado o ministerio da marinha sobre o pensamento maritimo e colonial que o domina, o ministerio da marinha, anediando a pera, levantaria o seu dedo crente, apontando aos tímidos que receiam pelo futuro das colonias e pela segurança da barra, um casal de cysnes vogando em frente do Rastello...

E mais interrogado o sr. Serpa sobre o crescimento rapido do deficit e sobre o vago temor de que a divida fluctuante possa perder as condições de navegabilidade que a trazem ha tantos annos á flor do orçamento, o sr. Serpa executaria a quatro mãos com o sr. Carrilho um galope symbolico, explicativo das vantagens do deficit na conta corrente dos povos.

Emfim, muitas outras vantagens poderiam advir das sessões nocturnas serem celebradas ao luar, não sendo a menor a do melancholico astro da noite fornecer aos discursos dos oradores — de graça, o que a companhia do gaz só hoje lhe fornece por dinheiro.

É este um aperfeiçoamento que eu desejaria ver introduzido no organismo parlamentar, certo de que as sessões haviam de despertar mais interesse no publico sentimental, se, em vez de serem presididas pelo sr. Francisco Costa, fossem presididas pela lua.

— Antes d'ir mais adiante, a chronica deve commemorar um facto digno d'altos louvores. Por em quanto, em homenagem áquella que tem sido victima resignada da rivalidade dos *Te-Deum*, por em quanto o reconhecimento nacional apenas produziu uma polka que apparece timidamente annunciada nos jornaes sem encontrar pianos sufficientemente corajosos que se atrevam a tocá-la, nem corpo constituído que tenha o heroismo de a dançar em sessão solemne.

Esta circumstancia da alma nacional sentir pulsar no peito a mazurka e comprimi-la dentro de si, receiosa de que alguem possa julgar mal das suas intenções e das suas musicas para piano, faz justiça aos sentimentos de quem sabe traduzir nobremente as suas commoções tanto pela ode pindarica como pelo devaneio em missanga.

— Não é entretanto esta circumstancia motivada pelo facto do cerebro nacional ter as molas perras. Ao contrario, o supracitado cerebro trabalha, e a prova d'isso é que ainda ha poucos dias, segundo referem todos os jornaes, produziu uma maravilha que vac fazer o espanto do mundo e a admiração dos hotéis! Um aparelho que dispensa o serviço dos creados á mesa redonda!

O espirito perde-se em profundas cogitações querendo advinhar o que seja tão prodigioso invento! Elle andará de casaca e gravata branca a deitar vinho nos copos á roda da mesa, com um guardanapo no braço, tendo o cuidado de nos mudar os talheres com rapidez, ou passará com os pratos em cima, coberto unicamente com uma toalha, impellido por uma manivella? Será movido a braços ou por meio de vapor, aptando para todos mettem na bocca a primeira colher de sopa e tornando a apitar para todos pagarem a conta?

Não sei, nem talvez mesmo o inventor o saiba! O que é certo é que esta prodigiosa descoberta abre larguissimos horizontes á simplicidade do serviço publico, embora projecte algumas sombras melancholicas sobre o futuro dos amanuenses. Que resultados maravilhosos não dará, por exemplo, se for applicada á mesa redonda do orçamento? Bastará só por si para acabar com essas duas instituições ha tanto tempo vinculadas aos costumes nacionaes — o deficit e a manga d'alcapa! O proprio sr. Carrilho, creio eu, não offerecerá impossibilidade de ser substituido por um d'estes engenhosos aparelhos que o seu auctor successivamente irá aperfeiçoando até os tornar elegiveis e conhecedores da letra da carta,

sendo bastante, para que a machina constitucional funcione depois com desembaraço, que o governo tenha o cuidado de lhe dar de quando em quando com uma penná bezuntada em azeite!

Bella invenção realmente!

— Todavia, á parte estas descobertas, mais ou menos engraçadas que, de quando em quando, alegram os espiritos, nas esferas superiores apparece um ou outro pensador serio que paira demasiadamente alto para se deixar influenciar por esse perfume da fresca lorangeira que parece ter uma acção tão perniciososa sobre os organismos.

Annunciam-se muitos livros; muitissimos livros até, e entre os mais recentes que tenho n'este momento diante de mim, destaca-se a *Historia da Civilização Iberica* por Oliveira Martins, escriptor que dispênde tanta somma de talento e de consciencia nos seus escriptos que chega a gente a convencer-se de que elle realmente se deveria sentir vexado se o noticiario nacional se occupasse das suas obras com a mesma frequencia e adjectivos com que se occupa de tantas outras. A *Historia da Civilização Iberica* é o primeiro volume da «Biblioteca das sciencias sociais» planeada pelo auctor que, tenho fé em Deus, para o effeito da ordem de S. Thiago e honras correlativas, nunca se recomendará á munificencia dos governos como o sr. publicista Manoel Bernardes Branco.

Já é uma justiça obtida dos homens.

— Intitula-se *Os Noivos* o ultimo romance de Bento Moreno (Teixeira de Queiroz) e é o primeiro volume da «Comedia Burgueza» empreendida por este romancista, evidentemente muito afastado da escola amena e recreativa de que em Portugal, nos tempos modernos, foi um dos primeiros cultores e plinipotenciarios o sr. Mendes Leal, e o ultimo, na ordem chronologica, o sr. Pereira Lobato. A critica d'estes livros que se filiam na alta literatura não se faz em dez linhas. Mencionam-se apenas com a selecção que merecem os escriptos que tem de viver mais do que um dia pela circumstancia de serem escriptos com talento. *Os Noivos* é um d'esses livros.

— O momento pôde considerar-se febril. Annunciam-se já mais vinte obras ineditas, desde um até quatro volumes, comprehendendo as *Mil e uma noites da actualidade* do sr. Gomes Leal.

Em face de tal abundancia de producção a critica desfalece e cruza os braços com desanimo, deixando ao bom senso do leitor escolher o que mais lhe agradar. É excellento procedimento da parte da critica n'esta hora em que ella tem de legislar ou d'andar colliendo boninas pela encesta.

O que é certo, todavia, é que nunca as letras portuguezas atravessaram uma primavera tão florida como a do anno de 1879. E, atrever-me-ia a dizer, cheio d'orgulho patrio, que poucos povos invejariam a nossa sorte n'este momento, se não receiasse que a mais airosa vespa do epigramma que hoje zumba nos laranjaes da beira mar, correspondesse á minha commoção patriotica com uma pequenina e perfida ferroada.

Em todo o caso antes ella me vibre um dardo do que a commissão 1.ª de Dezembro me despeça um officio.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## HERNANI

## O IDILIO DO 5.º ACTO

D. SOL E HERNANI

D. SOL

Até que enfim!

HERNANI (procurando attrahir-a aos seus braços)

Meu anjo!

D. SOL (recuando)

É tarde, bom amigo!

HERNANI

E sempre tarde, amor, p'ra estar a sós contigo!

D. SOL

Fatigou-me o tumulto! A alegre confusão atordoa a ventura! E assim?

HERNANI

Tens razão.

A ventura, vês tu, é coisa seria e grave, quer bronzeos corações em que se inscreva e grave. Tem a ventura e a dôr quasi expressão igual, como orvalhos a aurora, e chuva o temporal.

D. SOL

Nos teus olhos a aurora e só luz!

*(Hernani procura arrastar a para a porta. Ella cora)*

Logo... logo!

HERNANI

Bem! teu escravo sou! vês? nem sequer já rogo! Lanço a teus pés submisso e humilde o coração. Em tudo te obedeco, em tudo tens razão. Mandas? vou rir, cantar. Sinto a minha alma ardente?... Dize ao volcão que apague a fauce escandescente, e o volcão, extinguindo o jorro abraçador, muda em relvado a lava e a labareda em flor. Tens aqui o Vesúvio escravo e agrilhoadado, que te importa que tenha o seio devastado. Queres que em rosas mil se desentranhe? Então engrinalde-se o monte e floresça o volcão!

D. SOL

Ah! como és para mim tão meigo, e tão bondoso, meu Hernani!

HERNANI

Oh! não! Cala esse nome odioso!

Não volte aos lábios teus nome que requeguei! não me faças lembrar de que tudo olvidei. Sei que um homem viveu em horas malfadadas, que tinha no olhar o brilho das espadas, um Hernani, um proscripto irrequieto e fatal, com um lema — a vingança — e um anjo — o punhal! sombrio montanhez ás maldições votado! Nem o conheço já! Eu amo o floreo prado, os lyrios e o luar, o bosque e o rouxinol! sou D. João de Aragão, noivo de D. Sol! sou feliz!

D. SOL

Sou feliz!

HERNANI

Tudo o mais que me importa?

Deixo os andrajos vis do meu palácio á porta! encontro nos humbraes um anjo do Senhor! Vê?! sou todo prazer, contentamento, amor!... Dêem-me o meu solar e os seus balões ondeantes, e o meu lugar na côrte em seguida aos infantes; vem depois, D. Sol, baixando o ingenuo olhar, deixem-nos ambos sós, e deixem-me olvidar tudo o mais! Nada vi, nada sei, tudo esqueço, tudo apago, sim tudo, e a vida recomeço contigo, meu amor e meu unico bem!

D. SOL

Como n'esse veludo o teu collar diz bem!

HERNANI

Antes de mim já viste el-rei assim trajado.

D. SOL

Que me importa? Não sei! nem tinha reparado! Não me enlevava o oiro, o veludo e o setim! Não, meu duque, és só tu que ficas bem assim! És nobre, meu senhor!

*(Hernani quer arrastar a consigo)*

Oh! inda não, imploro

um só momento... Vês? É a alegria, e eu choro! Que lindissima noite!

*(Dirige-se á balaustrada)*

Oh! como é bom amar!

Vem aqui junto a mim! vem ver, vem respirar. Já tudo se apagou, clarões e melodias. 'Stamos sós, nós e a noite! Oh! puras alegrias! Dormem a terra e o céu, e o placido luar vem, lampada discreta, o nosso amor velar. No ceruleo doce solitário resplende, em baixo nos jardins o roseiral rescedo. Tudo é silencio emfim! Vês? nem luz, nem ruor! Raizava ha pouco a lua, e o tremulo fulgor do pallido luar, em dulcissimo enleio com o som da tua voz, penetrava em meu seio. Sentí a meu doce amor, tão intenso prazer, que n'um momento assim aspirava a morrer!

HERNANI

Quem não esquece tudo á tua voz celeste, cantico sideral que humanos sons reveste!

Como em amena tarde, em barca festiva! quem vai sulcar de um rio o liquido cristal vê a margem fugir, florida e verdejante, fluctua em teu scismar meu pensamento errante!

D. SOL

Sabes? Faz-me tristeza a longa placid-z silenciosa da noite! Eu quizera talvez que uma nocturna voz, meiga e deliciosa, se erguesse d'entre a sombra a cantar!

HERNANI

Caprichosa!

Não qu'ria ouvir cantar, nem ver luz D. Sol!

D. SOL

O baile! ah! isso não! quizera um rouxinol na balsa a gorgear a tímida volata, ou uma flauta ao longe! A musica arrebatada, desperta em noxo peito a etherea vibração de mil vozes que vem cantar no coração! Seria lindo!

*(Ouve-se ao longe na sombra, o som de uma buzina)*

Cêus! Foi meu desejo ouvido!

HERNANI (á parte)

Ah! desgraçada!

D. SOL

Um anjo escutou-me o pedido... o teu bom anjo, não?

HERNANI

Sim! o meu anjo bom!

D. SOL

Aquella é a tua trompa! oh! conheço-lhe o som.

HERNANI

Conheces?

D. SOL

Querem ver que a esta serenata não és estranho tu?

HERNANI (anargo)

Não sou, não!

D. SOL

o festivo sarau de um modo encantador! Lembra-me o alvorecer do noxo ardente amor!

*(Ouve-se de novo a buzina)*

HERNANI (á parte)

O tigre está bramindo a reclamar a preza!

D. SOL

D. João, que meigos sons! que agradável surpresa!

HERNANI (levantando-se terrível)

Chama-me Hernani, Hernani! Hernani é que eu sou, a nome tão fatal acorruado estou.

*(Trad. de Pinheiro Chagas.)*

Victor Hugo.

## CASA DOS ESMERALDOS NA ILHA DA MADEIRA

Onde, segundo a tradição, residiu Christovão Colombo

Tivemos occasião no ultimo numero d'este periodico de tratar do destino dos restos de Christovão Colombo, e hoje temos a occupar-nos das reliquias d'uma habitação do seculo xv, no Funchal onde, segundo a tradição, residiu por algum tempo o celebre navegante.

A pouca precisão que notámos quanto ás datas do seu sepultamento e transladações primeiras, também se dá quanto ao tempo da sua vinda para Portugal, e logar certo da sua permanencia. Fixa-se a sua vinda para este paiz pelos annos de 1470, e sabe-se que passado algum tempo casára com Filippa Moniz, filha do primeiro donatario da ilha do Porto Santo, Bartholomeu Perestrello. Ignora-se o motivo d'este enlace, mas não será desarruadoo suppor que interesses maritimos a isso o levassem. Era então Lisboa, e o foi ainda mais depois, o emporio do mundo. A febre dos descobrimentos dominava todos os espiritos; rei, principes, senhores, fidalgos e peões, todos, cada um conforme as suas posses e disposição concorriam para as empresas maritimas. De todas as partes da Europa, onde chegava a noticia das nossas navegações, acodião homens mais ou menos peritos, mais ou menos aventureiros, mais ou menos cultos de fama ou de riqueza a lançarem-se no caminho que as nossas prôas tinham aberto e patenteado ao mundo; não é pois de presumir que um genio activo e emprehendedor como Colombo, viesse a este paiz e ficasse inactivo no meio da efervescencia geral. Deve pois ter feito algumas viagens ás costas d'África, visitado talvez os Açôres, e o grupo da Madeira, criando então relações com Bartholomeu Perestrello, associar-se por ventura com elle

em algumas empresas maritimas, hoje desconhecidas, e finalmente ou por pouca fortuna n'ellas, ou por outro motivo ir fixar a sua residencia na ilha do Porto Santo, onde naturalmente sua mulher possuiria bens, e depois na Madeira, onde viveu algum tempo de fazer cartas maritimas, e onde naturalmente recolhendo noticias dos pilotos que navegavam o oceano, ouvindo a relação de algumas viagens tentadas para o oeste, e com a investigação propria e noticia dos segredos que o oceano encerrava e revelava como que a furto nos fragmentos de madeira, de plantas e talvez de animaes não conhecidos, que roçavam ou se depositavam n'aquellas praias, conceberia a idéa da navegação para o occidente.

De outro modo não se pôde explicar como demorando tantos annos, pouco conhecido em Portugal, de repente se ergueu para se arrojar a uma empresa, que havia de collocar o seu nome na primeira plana dos navegantes celebres. E de passagem diremos que um dos motivos, porque provavelmente não foi attendido o seu projecto na côrte de Lisboa, foi porque já havia sido apresentado por outros antes d'elle, a quem tinha sido dada auctorisação para ser emprehendido, sem que talvez até então houvesse resultado conhecido. Em outro logar e occasião tentaremos mostral-o.

Fixado pois Christovão Colombo na Madeira, diz a tradição que elle residira na casa do Esmeraldo, representada hoje pelas duas estampas do nosso periodico. Assim o escrevera o sr. dr. Rodrigues de Azevedo, nas notas ás *Saudades da Terra de Gaspar Fructuoso*, que publicou em 1873, e nenhuma duvida isso offerece.

Mas existiria já então a casa? quem a edificaria? perguntas são estas a que não podemos dar resposta.

Diz o sr. D. Ventura de Callejon, illustrado hespanhol que publicou uma larga e bem pensada noticia a este respeito na *Illustração Hespanhola* de 15 de outubro de 1878 que no capitel do columnello que divide a janella d'aquella casa, que se vê na gravura, se lê em uma moldura J H S, sigla que representa o nome de Jesus, em outra a data de 1457, e na terceira *Maria*. Esta data, se não ha engano na leitura dos algarismos, lendo-se um 5 em vez de um 8 mal distincto, mostra que a casa já existia antes da vinda dos Esmeraldos para Portugal.

É sabido que estes nobres flamengos (e não genovezes como com os genealogicos diz o sr. Callejon) vieram para este paiz em 1480, e por isso só algum tempo depois se iriam estabelecer na Madeira; segundo porém os nobiliarios, João Esmeraldo fez grande casa na rua do Esmeraldo, que d'elle tomou o nome; ora ou a data da casa seria 1487, ou então a ser exacta a leitura do sr. Callejon, 1457, deveria a casa ter sido edificada antes, adquirida, e por ventura acrescentada por João Esmeraldo, explicando-se assim o que dizem os nobiliarios. — Breve, porém, foi aquelle solar abandonado pelo fidalgo flamengo, que havendo casado com Agueda de Abreu, filha de João Fernandes senhor da Lombada do Arco, comprou a grande quinta da Lombada, que fôra de João Gonçalves Zarco, e coubera a seu filho segundo Ruy Gonçalves da Camara, que a vendeu para comprar a capitania da ilha de S. Miguel.

Que destino teve porém a casa da rua do Esmeraldo durante quasi quatro seculos não é facil averiguar; parece servia ha muito tempo de celeiro, porque de memoria dos homens é conhecida pelo nome de *Granel do poço*, tirando esta designação do fim a que era destinada e d'um poço que havia no pateo de entrada. Esta casa pertencia ainda em 1873 ao sr. conde de Carvalhal.

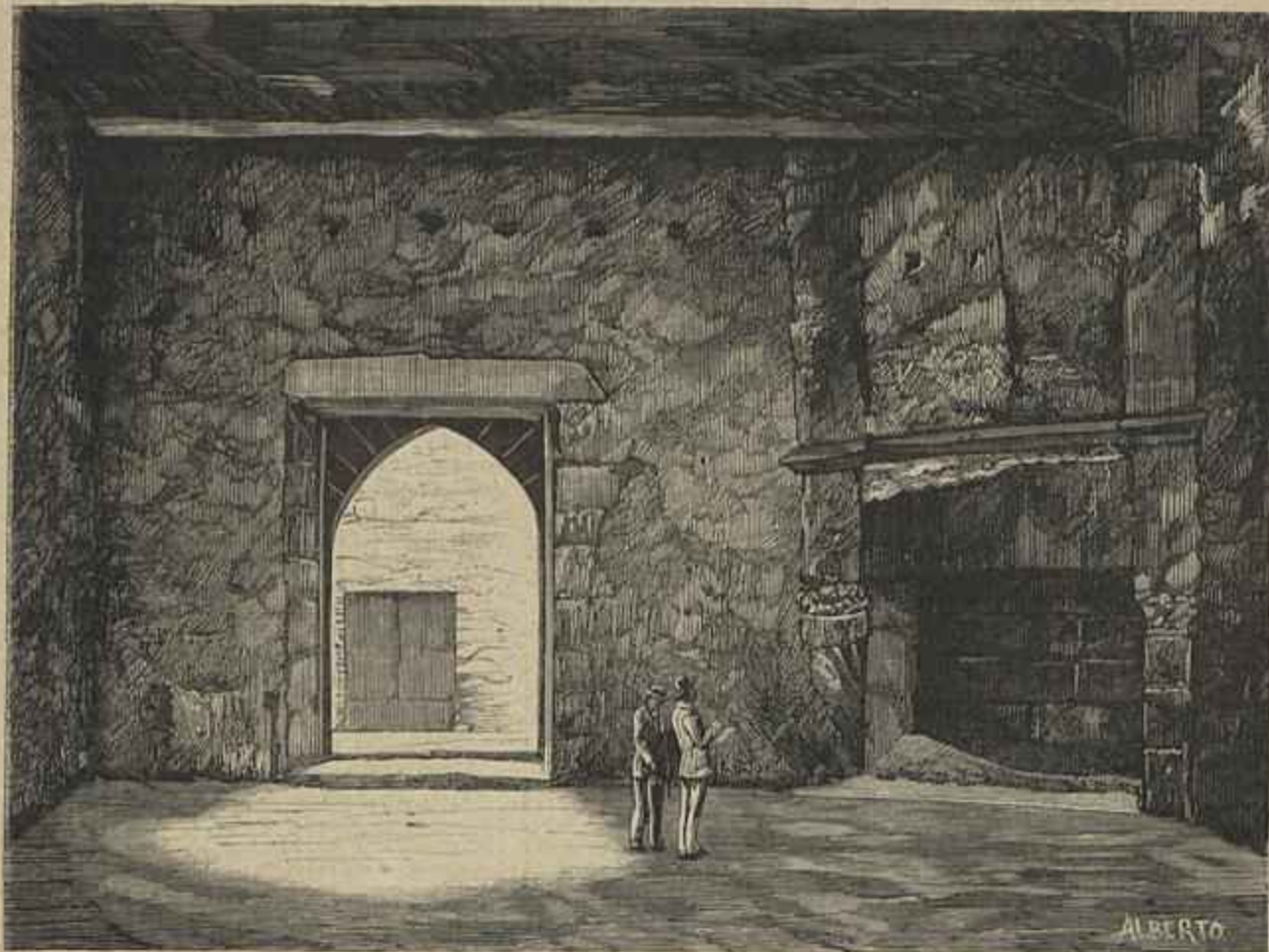
Depois d'este tempo, e tendo deixado de pertencer a vinculo, consta que foi a casa vendida a negociantes ou commerciantes, e ultimamente demolida no anno da graça de 1877.

Quem agora fór á cidade do Funchal, e procurar a casa onde a tradição diz que vivera Christovão Colombo, vá á rua do Esmeraldo e em seu logar encontrará dois armazens e uma pequena travessa! Ora a travessa podia abrir-se mais cinco, dez ou vinte metros para um lado sem demolir a casa, mas o que se não pôde fazer é reconstruir o talvez unico exemplar que havia em Portugal d'uma habitação sumptuosa do seculo xv, com bastantes feições ainda da sua construcção primitiva, e que um homem de gosto poderia provavelmente renovar debruxo de um plano artisticamente concebido, de mais a mais ligando-se a ella semelhante tradição. Não são estes os actos que illustram os municipios, e os fazem benemeritos da posteridade.

As nossas gravuras representam a primeira os dois terços da frontaria da casa, na rua do Esmeraldo, e a segunda, o salão de entrada no primeiro andar, onde estava a bella janella que se vê na primeira.

Se o acaso não levasse á ilha da Madeira o illustre hespanhol já citado, que secundado pelo habil photografo sr. Camacho, obteve da casa as vistas principaes, não só nada conheceriamos d'ella, mas passado algum tempo se houvesse apagado de todo a tradição. Como insular lamentamos o facto, mas tememos que não sejam sufficientes os nossos clamores para se evitarem casos analogos de futuro.

BRITO REBELLO.



SALA NO PRIMEIRO PAVIMENTO DA CASA, ONDE SEGUNDO A TRADIÇÃO, RESIDIU CHRISTOVÃO COLOMBO  
(Segundo uma photographia de Camacho)

### FELIX ANTONIO DE BRITO CAPELLO

Mais um nome foi riscado da lista dos raras cultores das sciencias naturaes em Portugal. Uma vida agitada e trabalhosa durante mui-

tos annos, e ao cabo d'ella, quando uma posição modesta, mas tranquilla, angurava largos serviços, uma terrivel doença que o avelhentou em poucos annos e o lançou prematuramente na sepultura, tal foi a sorte de Felix Antonio de Brito Capello.

meado primeiro tenente aggregado ao batalhão de artilheria de linha da Villa da Praia, e ultimamente subdelegado do procurador da corôa e fazenda na ilha do Fogo. Ao mesmo tempo foi encarregado de outras commissões scientificas, como a visita de exploração ao

Nascêra em Peniche a 8 de março de 1828, sendo filho do major Felix Antonio Gomes Capello, bravo e illustrado militar, que depois de servir no reino e Brasil, onde fôra ferido, jazou durante o governo de D. Miguel na torre de S. Julião, servindo, logo que d'alli saiu, a causa liberal, e foi ferido gravemente nos combates nas linhas de Lisboa em 1833; e de sua mulher D. Guilhermina de Brito Capello. Preparado com a instrução secundaria assentou praça de voluntario no regimento de infantaria n.º 10 em 3 de setembro de 1846, e como tal assistiu á lucta civil que terminou em 1847. Seguindo depois os estudos na escola polytechnica e do exercito, obteve carta do curso de infantaria em 14 de junho de 1851. Sendo aspirante a official continuou a estudar outras cadeiras, e por não ter sido, como devia ser, promovido ao posto de alferes, pediu e obteve a sua demissão em 1853.

Partiu em 1854 para o archipelago de Cabo Verde, onde prestou muitos serviços em variados ramos. Foi encarregado das obras publicas em Santo Antão; nomeado primeiro tenente aggregado ao batalhão de artilheria de linha da Villa da Praia, e ultimamente subdelegado do procurador da corôa e fazenda na ilha do Fogo. Ao mesmo tempo foi encarregado de outras commissões scientificas, como a visita de exploração ao

### CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES



PONTE SOBRE O CÁVADO, JUNTO DE BARCELLOS — (Segundo uma photographia)

## AFRICA PORTUGUEZA



VISTA DA PRAIA DA RIBEIRA EM S. THOMÉ (segundo uma photographia)

## BELLAS-ARTES



FLORA — Busto em gesso de Rodrigues Vieira, enviado à exposição de Paris em 1873

vulcão da ilha do Fogo, que descreveu n'um interessante relatório de 16 de janeiro de 1836, publicado no *Boletim de Cabo Verde* n.º 205 d'aquelle anno.

Durante a epidemia do cholera-morbus, que invadiu aquella provincia, prestou relevantes serviços elogiados em varias portarias, caíndo por fim victima da sua caridade e abnegação, e em tanto perigo esteve que se duvidou da sua existencia. Emfim salvou-se, e voltou ao reino ainda em estado melindroso em 1837.

Passado algum tempo, logo que teve forças, foi empregado em alguns trabalhos de minas, e depois na companhia das aguas como engenheiro conductor e sub-chefe.

Tendo sido nomeado naturalista adjunto á secção zoológica do museu de Lisboa, foi encarregado do estudo da fauna dos mares e muito especialmente do dos peixes que visitam as costas, e habitam os rios de Portugal, sob proposta da academia real das sciencias de Lisboa, da qual era socio correspondente por diploma de 8 de novembro de 1866.

N'este ramo das sciencias naturaes prestou importantes serviços, como sempre testemunha o sr. dr. Barbosa du Bocage, sabio director do referido museu, e que o tinha no mais alto conceito.

Intelligencia vasta, genio activo, vontade infatigavel.

entregou-se ao seu novo estudo com paixão e dedicação, enriquecendo a sciencia de novos dados, que constam, dos seguintes opusculos:

*Descripção de tres especies novas de crustaceos da Africa occidental, e observações acerca do Penaeus Bocagei (Johnson) especie nova dos mares de Portugal, inserta nas Mem. da Academ. R. das sciencias de Lisboa, nova serie, tom. III, part. 2.ª (1863).*

*Descripção de algumas especies novas de crustaceos e arachnidios de Portugal e... ultramar, id. id., tom. IV, part. 1.ª (1867).*

*Especies novas ou pouco conhecidas de arachnidios da Africa occidental, no Jornal das sciencias mathem. e phys., publicado sob os auspícios da Academ., tom. I.*

*Peixes novos de Portugal e da Africa occidental, etc., no referido Jornal, tom. I.*

*Catalogo dos peixes de Portugal que existem no Museu de Lisboa, no mesmo Jornal, tom. I e II.*

*Descripção de dois peixes novos provenientes dos mares de Portugal, no referido tom. I.*

*Description de trois nouveaux poissons des mers du Portugal, no mesmo tom.*

*Noticia acerca de um peixe pouco conhecido vindo do Brazil, no tom. II.*

*Sur l'identité du Prometeus paradoxus, cap. et du Nesiar-chus narutus, no mesmo tom.*

Appendice ao catalogo dos peixes de Portugal etc., no mesmo tom. II.

Lista de algumas especies de peixes colligidos... na bahia de Lagos, no mesmo tom.

Memoria relativa a um exemplar do *squalus maximus*. L... de Portugal no mesmo tom.

De collaboração com o sr. dr. Bocage uma noticia *Sur quelques espèces inédites de Squalidae de la tribu Acauthiana*, Gray, qui frequent les côtes du Portugal, nos *Proceedings, of the Zoological Society of London*, 1861.

Era socio honorario da sociedade dos amigos das sciencias naturaes de Berlim, por diploma de 19 de novembro de 1867.

Era muito versado nas sciencias moraes e economicas. Dado igualmente com paixão a experiencias chemicas e physicas, descobrira, depois de uma serie de perseverantes estudos, um processo para o envelhecimento rapido dos nossos vinhos, que obteve premio na exposiçao de Vienna d'Austria.

Outros trabalhos tinha encetados, e por ventura mais alguns publicados, e promettia ainda produzir novos fructos de sciencia, quando a doença que o accommetêra havia alguns annos, amollecimento cerebral, o roubou a sciencia, á esposa, a seus dois lllhinhos, á sua familia, e aos amigos, em cujo numero nos contavamos havia longos annos, lançando-o na sepultura a 16 de abril ultimo. Cumprimos pois o nosso dever, prestando as nossas homenagens de saudade e respeito ao homem honrado, ao naturalista modesto e distincto, cujo nome era mais conhecido no resto na Europa, do que na sua patria.

J. B.

## JOSÉ MARIA DA SILVA E ALBUQUERQUE

É de um homem do povo o retrato que hoje dá o OCCIDENTE.

Sem titulos nobiliarchicos, d'esses com que se mascara a esterilidade dos ricos ociosos, sem pergaminhos academicos, sem tradiçoes de familia, a sua memoria deixa todavia um rasto de luz, que não se apaga, e o seu nome vinculado á historia da incessante lida da consciencia humana, na obra immensa da fraternidade universal, pela emancipação e regeneração das classes trabalhadoras.

Era operario, compositor typographico da Imprensa Nacional, e primeiro revisor da folha popular de maior publicidade, o *Diario de Noticias*. Foi obreiro incansavel do bem, e renhiu em si todas as virtudes sociaes que tornam respeitada e veneranda a memoria de um homem.

A officina foi para elle a sua familia, e a associaçao o seu templo; associaçao e officina, serào o seu monumento.

Na sinceridade das suas expansões, o povo encorpou-se expositanea e respeitosa no prestito d'esse humilde obreiro, porque a sua rara abnegação produziu n'elle o effeito do assombro. É que o ideal d'esse homem nunca teve os ocellaes fataes do interesse egoista. Viva da grandeza d'elle, e por isso foi invencivel; nenhum revex lhe quebrantou a dedicaçao; nenhum deslumbramento o desviou do grande foco da luz que o guiava. Sacrificou tudo a essas visões que alevantavam o seu espirito.

Crente sincero, atraves a indifferença do seu seculo fundou associaçoes e abriu escolas. O Gremio Popular em 1857 deve á sua iniciativa a existencia. As aulas que mantem desde 1861, ainda á sua actividade devem a vida que disfructam, e mais de quatro mil crianças e adultos tem recebido n'ellas a luz da instrucção.

Enquanto o egoismo sordido, o individualismo insciente se cobriam das lanjeoulas dos grandes bistrões da politica, para entrar na lucta dos mesquinhos interesses pessoais, elle, operario honesto, trabalhou para todos 21 annos, que tantos consagrou ao serviço da associaçao, sem ter nunca uma censura para ninguem, uma queixa, uma palavra sequer que traduzisse cansaço ou agastamento.

Foi muitos annos presidente do Gremio Popular, e por vezes da Associação Typographica Lisbonense, e de outras muitas corporações de auxilio mutuo.

A camara de Lisboa que em tempo lhe conferira a med'ha honrosa da febre amarella por serviços humanitarios, honrando agora a sua memoria, votou-lhe por unanimidade a concessão de um logar no jazigo municipal, e associou-se ao sentimento publico que lhe pranteou a perda.

Grande batalhador caiu enfim no seu posto — as avancadas do genero humano. Apostolo de uma grande idea, obreiro da paz e da civilisaçao, trabalhou a favor das gerações futuras porque de todo se consagrou á educaçao da infancia pobre. Ha muito a esperar d'ella na cruzada do progresso, e como tivesse a con-

vicção d'esta grande verdade ao brilho da qual um dia hão de desaparecer todas as tyrannias e todos os despotismos, nenhum dos direitos da vida momentanea, da vida dos seus dias, lhe resumiram as heroicas aspirações, e a sua passagem na terra fica assignalada como um grande exemplo das virtudes modernas, do futuro credo dos povos.

LEITE BASTOS.

## OLYMPIO NICOLAU RUY FERNANDES

Foi um homem popular e benemerito, digno de ser honrado pelas suas virtudes civicas e pelos serviços que prestou á causa da instrucção popular, este a que o OCCIDENTE presta hoje homenagem, enfileirando o seu retrato ao lado dos que em vida se distinguiram nas luctas do trabalho e da civilisaçao.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes nasceu em Lisboa em 26 de julho de 1820, começando aos 14 annos de idade a aprender o officio de compositor na Imprensa Nacional.

A sua extrema aptidão grangeou-lhe a estima dos chefes e fel-o apreciado por muitos escriptores distinctos, que lhe confiavam a revisao das suas obras; entre outras, Olympio Nicolau prestou este serviço ás *Metamorphoses* d'Ovidio de Castilho.

Em 1854, foi nomeado administrador da imprensa da Universidade, cargo que exerceu até ao fim da vida com suprema distincção e actividade, pondo em todos os seus actos o cunho d'uma exemplar probidade. O estabelecimento não podia deixar de sentir a benéfica influencia de tão zeloso administrador. Attestam-o os constantes aperfeiçoamentos do seu material, a ampliação das suas officinas, a instrucção do seu pessoal, e o primor dos seus trabalhos.

As sociedades operarias de soccorros e educaçao mereceram sempre a Olympio Nicolau uma predilecção especial. Depois de ter auxiliado a fundação d'algumas em Lisboa, levou o concurso dos seus esforços á fundação d'outras em Coimbra, prestando assignalados serviços ao monte-pio da imprensa da Universidade e á Sociedade Philantropica Academica de que foi thesoureiro.

A associaçao dos artistas de Coimbra deve-lhe immenso. Foi elle que organisou os seus estatutos, auxiliando depois muitos empreendimentos uteis, entre os quaes avulta a instituição d'aulas para instrucção do povo. A exposiçao districtal de 1869, de tanto alcance economicó e industrial, teve n'elle um dos seus propugnadores mais entusiasticos e mais tenazes, pelo que a camara municipal de Coimbra lhe conferiu em sessão de 14 de julho de 1869, um eloquente voto de louvor.

Pelos serviços prestados á imprensa da universidade havia Olympio Nicolau sido agraciado com o grau de cavalleiro da ordem de Christo, sendo os seus trabalhos prestados á exposiçao districtal recompensados com a commenda da Conceiçao. Tambem em tempo lhe havia sido conferida a commenda d'Isabel a Catholica.

Em conclusao, por iniciativa sua é fundada em Coimbra em 1871 a «Associação Conimbricense do sexo feminino, de soccorros mutuos» conjuvando ainda ha dois annos activamente a companhia Edificadora e Industrial. A associaçao liberal de Coimbra, deve-se ainda em grande parte á sua iniciativa.

Taes são, na sua singeleza e simplicidade, os traços physionomicos do prestante cidadão, que sem possuir brazões heraldicos pertenceu a essa pleiade de corações fidalgos a que o seculo XIX não regateia já aos louvores que outrora só eram devidos os que sahiam vencedores dos campos de batalha.

L.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### PONTE SOBRE O CÁVADO

Esta obra d'arte, no caminho de ferro do Minho, é do taboleiro metallico, de viga recta continua: e tem

dois tramos de 40,80 e um ao meio d'estes de 48<sup>m</sup>,60. Os dois pilares são formados de dois cylindros de ferro de 2<sup>m</sup>,20 de diametro, cheios de betão, ligados por cruces de Santo André. A sua altura é de 18,048, que é proximoamente a dos dois encontros.

A largura entre testas é de 5,030; e o comprimento das avencidas é de 20 metros cada uma, sendo o comprimento total da ponte, incluídas estas de 170 metros.

O volume de alvenaria empregado n'esta obra é de 8.520 metros cubicos em fundações e el-vações.

Os encontros foram fundados com ensecadeiras e betão emergido; os pilares com caixões de madeira sem fundo e betão emergido.

Foi construída pela casa Eiffel de Paris, a mesma que construiu a ponte sobre o Douro, na 3.<sup>a</sup> secção do caminho de ferro do Norte.

É esta uma das mais elegantes obras d'arte da linha ferrea que atravessa a pittoresca provincia do Minho.

### VISTA DA PRAIA DA RIBEIRA NA ILHA DE S. THOME

Na praia representada na nossa gravura, indubitavelmente uma das mais pittorescas da ilha de S. Thomé, desagua o rio que serve de limite entre a freguezia de Santa Maria e a dos Angolares e aonde terminam as terras da fazenda do Alto Douro, pelo lado do mar. A nossa estampa dá uma idea ainda que longiqua da natureza d'aquella féracissima região, e merece ficar registada n'esta galeria como uma das mais preciosas joias que ainda restam dos nossos antigos descobrimentos.

### FLORA, ESCULPTURA DE GENERO DE RODRIGUES VIEIRA

Este gracioso busto pode considerar-se a estreia artistica do sr. Rodrigues Vieira, discipulo da nossa Academia das Bellas-Artes, e que hoje continua os seus estudos debaixo da direcção do sr. Calmeis. Revella este trabalho qualidades, que fortificadas pela applicação hão-de tornar o seu auctor distincto entre o grupo dos nossos modernos artistas. Tanto na esculptura como na pintura tem o sr. Vieira dado já provas de sobeja aptidão, e o OCCIDENTE lisongeia-se de poder collocar esta premicia d'um tão prometedor talento, entre as obras que modernamente honram a arte nacional.

## DAMIÃO DE GOES

(Continuado do n.º 22)

Apesar porém do valor d'esta supposiçao, baseada especialmente na interpretação litteral da phrase latina, que representa uma acção anterior (*curavimus*), outro sentido ha que julgamos mais accetavel, attentando á morte de Erasmo, succedida em Basilea de 11 para 12 de julho de 1536; d'este modo pôde julgar-se que, ainda negada até ao fim por elle a licença, com este acontecimento julgar-se-hiam Bernato e Goes desembaraçados de todo o compromisso; a coadjuvação de Rescio importa o seu cargo de editor. Este sentido, não obstante ser menos litteral, é certamente o mais razoavel e verdadeiro, e o que nós preferimos: expomos os dois no entanto por se não contradizem em absoluto, antes em parte podem coexistir.

Passando á correspondencia, entendemos dever começar estes resumidos extractos pela ordem da edição de 1544, guardando para depois as cartas esparsas<sup>1</sup>.

1.<sup>o</sup> De Paulo Sperato para Damião — 12 de setembro de 1531 — Gratulatoria e de cumprimentos: quer recordar-se da primeira parte onde viu a Damião, o mais amado entre os desconhecidos, e aquelle com quem desejava travar maior relação; é preciso no entanto ceder ao tempo. Entregue todo, como anda Damião, nos seus encargos politicos, cedo tem de partir, e assim um do outro se separam: consola-o no entanto haver encontrado n'aquella barbara terra homem que esse nome merecesse, e saúda-o pela volta á patria.

2.<sup>o</sup> De Luiz Vives para Damião — Bruges, 17 de junho de 1533 — Desculpa-se da falta de correspondencia pelo seu estado valetudinario, cumprimenta-o pelo favor que recebera de D. João III, e pede-lhe que agradeça igual-

<sup>1</sup> Este fór a nossa plan, bem como a publicação de outros summarios, e ainda a traducção de algumas peças importantes; havendo porém quem prepare nova edição da correspondencia, e depois de uma polemica litteraria sustentada n'outro logar, intencionalmente nos abstenemos da publicação de outra differente que a collecção de 1544, já de si bem rara, e cuja importancia bastará a pôr em relevo a expulção dos nossos exiguos summarios.

mente o presente que o mesmo rei lhe fizera a elle no anno anterior (*de amplissimo congiao, quo me superiore anno prosecutus est*).

3.<sup>o</sup> De Bonifacio Amerbach para Damiano — Basilea, 1 de setembro de 1533 — Feita á pressa, dá noticias de Christovão, e offerece o seu prestimo.

4.<sup>o</sup> De Conrado Goelenio para Damiano — Lovaina, 10 de junho de 1534 — Admira-se que saia de Friburgo, e abandone Erasmo, quando a Italia toda não lhe dará homem que o ensine em cousa que mais cabalmente o outro não faça; não pôde recommendal-o para Padua, mas que o Livio do tempo não só é competente para fazê-lo aos paduanos, mas ainda a todos os doutos do mundo; roga-lhe que dê sempre noticias suas bem como de Resende.

5.<sup>o</sup> Do cardeal Bembo para Erasmo — Padua, 11 de novembro de 1534 — Sobre as edições de Livio, e que fallara com o seu recommendado Damiano (*optimis moribus et omni elegantia sane praeditus*), lucrando muito no conhecimento de mancebo tão distincto (*juvenem mirificum*); volta depois a tratar sobre Livio.

N'algumas colleções apparece esta carta com a data referida ao anno anterior.

6.<sup>o</sup> De Bonifacio Amerbach para Damiano — Basilea, 31 de julho de 1535 — Com desculpas suas, e noticias de Erasmo.

7.<sup>o</sup> De Conrado Goelenio para Damiano — Lovaina, 12 de julho de 1536 — Desculpa-se muito por não ser admittido na academia o sobrinho de Goes, por estar preenchido o numero fixo de estudantes, e impedil-o o pacto tratado desde o começo d'ella, e por forma alguma transgredido; que elle mesmo o examinará por vezes, valendo-se da correção, se tanto for necessario (*additis calcariibus si videatur indigere*).

8.<sup>o</sup> Do cardeal Sadoletto para Damiano — Roma, 17 de junho de 1537 — Com muitos louvores, e que lhe fôra muito agradável ouvir a Pedro Bohemio os elogios que fazia de Damiano, e o que da sua vida contava: o mesmo Pedro lhe dirá as suas opiniões e intuítos.

Tanto esta como as seguintes cartas de Sadoletto faltam na edição que das mais se fez em Leão no anno de 1560, e, o que é mais para notar, na magnifica edição das obras, feita em Verona no anno de 1738, em que se pretendia haver colligido tudo.

9.<sup>o</sup> De Damiano para o cardeal Sadoletto — Padua, 1 de julho de 1537 — Agradece os conselhos e a carta que recebeu das mãos do Bohemio Pedro Bechimio, e lisonjeia-se da correspondencia com o cardeal; refere-se depois ás luctas da Reforma, e que, se não se engana, alguma cousa pôde com os chamados evangelicos, com quem contrahiui grande amizade nos quatorze annos que serviu o seu soberano por toda a Alemanha e Belgica; fôra já para Ausburgo a carta que Sadoletto remettera para Melancton, d'onde seria transmittida a Wilenberg, e qualquer cousa que elle respondesse lhe faria presente; quem se encarregava das cartas para Sadoletto, e de qualquer resposta para elle Damiano, estivesse onde estivesse, era Pedro Carolli, consul de Portugal em Veneza. Depois de se referir a um pequeno incommodo, participa que communicará o discurso d'elle cardeal sobre a preparação do Concilio a Melancton, para que este reconhecesse a sua piedade e amor para com a Igreja de Christo; que depois receberá de um amigo da Alemanha o discurso feito no convenio de Smalcalda refutando o Concilio de Mantua, e como Pedro Bechimio lhe affirmára não ter d'elle feito menção alguma, por isso agora o junta á sua carta. Roga-lhe finalmente que não desista da empreza que intentára perante o Pontífice e o collegio cardinalicio para a pacificação da Igreja, que nas suas mãos está.

10.<sup>o</sup> De Damiano para Nicolau Glenardo — Padua, 19 de julho de 1537 — Que a carta escripta pelo Natal só chegou em agosto, sendo-lhe muito grata a noticia que lhe dera dos estudos do infante D. Henrique, irmão do rei; bem como o boato que corrêra da sua collação n'um canonicato, o qual lamenta se desvanecesse depois. Ficou muito satisfeito com a sua prudencia em recusar o encargo de cura de al-

mas, allegando não saber bem o portuguez: oxalá assim houvesse muitos, ou que fossem parecidos. O resto da carta diz quasi respeito sómente á traducção por Goes para portuguez da *Velhice de Cicero*, e só melhor se comprehenderá á face da carta de Glenardo a que esta serve de resposta; cumprimenta-o finalmente pelos versos que lêra, mas ainda mais em especial pelos estudos que emprehendera com os negros, de que elle tem noticia pela participação que lhe fizera Joaquim Polita.

11.<sup>o</sup> De Damiano para um amigo — Padua, 27 de agosto de 1537 — Refere a sua opinião, bem como a dos doutos, e dá conselhos sobre os versos que recebera, allegando o exemplo de Cicero. Quanto ao pedido de Aldinos, satisfal-o-hia se a respectiva officina lizesse produzido alguma cousa de novo para os estudiosos; publicando-se, remettel-a-ha.

(Continua)

J. A. DA GRAÇA BARRETO.

## ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

## A LUA SERÁ HABITADA?

(Continuação)

A interessante questão dos habitantes da lua poderia ser resolvida nos nossos dias, ao mesmo tempo que um grande numero d'outras, por meio d'um poderoso telescópio cuja construcção não importaria em mais d'um milhão de francos. Os estudos feitos para tal fim estabelecem que se poderia n'este momento, no estado actual da optica, construir um instrumento capaz d'approximar a lua a algumas leguas, e mesmo tentar estabelecer com os nossos vizinhos do céu uma communicação que não seria nem mais audaziosa nem mais extraordinaria do que os do telegrapho e a do phonographo.

Com effeito — e é por estas considerações que terminaremos — qual é o objecto de mais pequenas dimensões que seja possível distinguir na lua? O diametro d'este globo é de 3.475 kilometros e mede geometricamente 31 minutos e 24 segundos. Um kilometro sobre a lua mede pois 0'' 54, e um segundo representa 1850 metros. Ora actualmente, segundo os calculos de M. Hall a quem a sciencia deve a curiosa descoberta das satelites de Marte, distingue-se um angulo de tres centesimos de segundo, quer dizer, um comprimento de 55 metros. Poder-se-ia ir mais longe e distinguir um objecto de 30 metros de largo. Ao nascer e ao pôr do sol, a sombra alongando-se põe em relevo alturas de 10 metros.

Chegamos á conclusão. Ficaremos ainda por muito tempo estacionados defronte da terra da promissão sem resolver os interessantes problemas offerecidos á curiosidade humana? Não invejaremos nós por ventura as admiráveis conquistas devidas aos poderosos instrumentos da America e da Inglaterra? Poderemos acaso ver sem emulação os paizes estrangeiros instituindo observatorios livres, fundados pela iniciativa particular, devidos a generosos protectores da sciencia, ao passo que em França, nem um unico ainda existe fundado em tales condições? Um bom impulso, um impulso inspirado por esta sciencia maravilhosa bastaria para nos dotar n'este momento com o mais poderoso telescópio do mundo... Quem sabe? em quanto nós discorremos assim, talvez que os habitantes da lua nos estejam contemplando, preparados de ha muito para entabolar correspondencia como nós!

Chamamos a attenção dos leitores para as ultimas observações telescópicas que provam não ser a lua um astro sem vida, podendo mesmo actualmente ser habitada por uma raça differente da nossa. Eis aqui, entretanto, uma observação mais recente ainda, que nos chega dos Estados Unidos e que tem por objecto um valcão lunar em actividade. As difficuldades numerosas que se oppõem á observação precisa d'um tal facto obrigam-nos a não o admitir immediatamente, e a não o acceptar antes d'elle ter sido confirmado d'uma maneira positiva por muitos astrónomos. Não é todavia isto razão sufficiente para o deixar esquecido, e estamos persuadidos de que os nossos leitores o hão de receber com interesse. Esta observação é extrahida do *Scientific American*: re-nome-se em duas cartas, a primeira dirigida pelo observador ao director do observatorio de Washington, a segunda dirigida ao observador em resposta á sua communicação.

A. M. John Rodgers, contra-almirante, superintendente do observatorio nautico dos Estados Unidos.

Keokuk (Jowa) 28 de Novembro de 1878.

Almirante:

Tomo a liberdade de vos offerecer um esboço da observação lunar feita a 12 de novembro, ás oito horas e meia da tarde. Meu filho e muitos assistentes

da cidade d'Okaloosa, (Jowa) latitude septentrional approximativa, 41° 30', observaram commigo. Supponho que o que nós observámos constituia uma erupção vulcanica. Não foi vista senão cerca de meia hora no meu telescópio de seis polegadas e meia, mas com tanta nitidez como se poderia ver qualquer paisagem lunar, e com o mesmo colorido. Desejo saber o que pensaes a tal respeito.

Tenho a honra de ser  
vosso respeitoso e dedicado servo

John Hammes.

Washington, 23 de Novembro de 1878.

Meu caro senhor:

A vossa communicação sobre o que observastes a superficie da lua, na noite de 12 do mez corrente, é muito interessante, tão interessante mesmo que o facto não será recebido pelo mundo astronomico sem as reservas mais formaes. A vossa observação será attribuida a qualquer causa fortuita, tal como poeira no vidro, uma disposição defeituosa do instrumento; luz accidentadamente reflectida por qualquer janella vizinha, ou não importa que outra origem de equivoco. Envie-me pois uma narrativa completa com as assignaturas das pessoas que foram testemunhas de tales phenomenos. Juntae-lhe um certificado de qualquer personagem conhecido, governador, maire, senador dos Estados Unidos, dando na sua apostilla esclarecimentos officiaes com relação aos signatarios.

Homem do mundo, comprehendereis, supponho, que os factos d'uma nova ordem não são admittidos pelos astrónomos, senão com circumspção extrema, e que publicando particularidades como aquellas que me enviaes, é preciso ter cem vizes razão para o fazer, e haver o-mprovação por todas as fórmulas a primeira observação.

Vosso affectuoso

John Rodgers, contra-almirante, superintendente.

Cidade de Keokuk, gabinete do maire, 2 de dezembro de 1878.

John Hammes é bem conhecido na nossa cidade e goza da reputação d'um homem seguro e leal.

John N. Irwin, maire — J. C. Varratt, P. M. — R. Root, deputado dos Estados Unidos, M. — W. T. Rankin.

Accrescentaremos a estes documentos, que a cratera observada por M. Hammes, está situada na extremidade da lua, vista na lente (imagem invertida) a oeste da grande cratera de Tycho, quer dizer, no quarto sudeste do disco lunar, nas proximidades das crateras de Bacon, Barocius, e Nicolai, a 12 graus de latitude e 23 de longitude. Farei n'este ponto uma observação que não foi feita pelo director do observatorio de Washington e que me parece todavia d'um interesse especial no caso presente: é que a oeste do plano annular de Nicolai existe uma cratera extremamente brilhante, uma das mais brilhantes na lua n'uma região relativamente pariacenta. Um observador inexperiencede acreditar-la inflamada, no entanto é a sua propria substancia que é de cor clara. Por outro lado, observam-se n'esta mesma região raios luminosos que radiam de Barocius; proveem de mais longe pois que pertencem ao grande sistema de Tycho, e que por occasião da lua cheia reflectem uma luz extremamente viva. Eis aqui duas circumstancias que podem ter influido na apreciação do nosso observador. Antes de admitirmos um facto tão curioso, aguardemos informações mais amplias.

GAMILLO FLAMARIO.

## Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTAS ANTERIORES NA FRONTEIRA

(Continuação do n.º 29)

O primeiro encontro havido entre os monarchas de Portugal e Leão na fronteira de

## ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Muita gente junta não se salva.

Elvas a Badajoz deu-se n'esta cidade. Esse encontro não foi de festa, antes foi de guerra, e fatal ao rei portuguez. Julgando-se Affonso Henriques aggravado pela fundação de Ciudad-Rodrigo, depois de uma breve e feliz campanha ao norte, corre o infatigavel guerreiro ao sul, e cae sobre Badajoz; toma a cidade, mas a alcaçova resiste; o monarcha leonez que o sabe, vòo também, e naturalmente sem ser presentido chega e ataca por seu turno o leão, desprevenido da aggressão. Ou inferiores em forças, ou faltos de accôrdo os portuguezes são repulsados da cidade pelos leonezes, e em tão rapida carreira se querem pôr fóra dos muros, talvez para não se acharem entre dois inimigos, que o rei, ao sair por uma das portas vae de encontro a um grosso ferro-lho, onde quebra uma perna, caindo prisioneiro dos leonezes. Periclitou n'esse momento a independência de Portugal; mas a sua unidade já era assaz forte para poder ser quebrada. Este successo occorreu na primavera de 1169.

No reinado do infeliz, mas denodado Sancho II, em duas invasões (1226-1229) o rei á frente de uma nobreza arrojada e cavalleiresca toma Elvas, onde corre perigo a sua vida, ao mesmo tempo que Affonso IX de Leão, recupera Badajoz, discorrendo um e outro parallelamente



FELIX ANTONIO DE BRITO CAPELLO — Fallecido em 15 d'abril de 1879

(Segundo uma photographia de F. Hocklin)

rém-se avistado n'essa fronteira. Ali estabeleceram as bases de um tratado, pelo qual foi cedido a Portugal o Algarve, mediante certas clausulas, a mais importante das quaes era o casamento de D. Brites, filha bastarda do monarcha leonez, com o portuguez, que aliás ainda tinha mulher viva, a condessa Mathilde de Bolonha. Isto passou-se por 1252 a 1253; vindo depois a serem revalidas estas pazes nas vistas de Chaves em maio d'este ultimo anno.

Renovadas por varias vezes e por diversas razões, durante o reinado de Affonso III, as contendas, a proposito do tão disputado dominio do Algarve, vieram finalmente depois de varios tratados a concluir-se por uma ultima entrevista e tratado entre os dois reis.

Havia, n'um antecedente convenio, ficado Portugal obrigado a um auxilio de cincoenta lanças, em caso de guerra do rei de Castella e Leão; esta e outras obrigações foram impostas ao infante D. Diniz ainda no herco; assim, quando em 1266 se começou a fazer ajuntamento de meios, e a tomar disposições para atacar, ou resistir a um presumido ataque dos sectarios do islam, D. Affonso, — entre outros al-

vitres que a sua astuta imaginação lhe suggeriu e não fazem ao caso, — teve a feliz idéa de enviar á frente do soccorro devido, e como general d'essa hoste, o pequeno Diniz que tinha cinco ou seis annos. Era o infante esperto, intelligente e desembaraçado, e de tal maneira se houve, no papel que lhe ensinaram a representar, que o avô, pagado de tão gentil embaixada, relevou o reino d'aquella obrigação, e veiu a Badajoz, — onde outr'ora viera com intuitos bem diversos, — para se encontrar com o genro, que sahindo para Elvas, n'aquella praça hespanhola se avistou com o sogro, depondo finalmente um e outro os germens da, tão prolongada contenda. Ali reconciliados estabeleceram paz definitiva, sendo esta uma das mais notaveis entrevistas succedida n'aquella fronteira, pois d'ella resultou a Portugal a posse irrevogavel e indiscutivel do moderno reino do Algarve, que um pretendido e absurdo direito

de Affonso X de Leão e Castella tanto disputára a Portugal. Estas notaveis vistas e pazes realisaram-se em fevereiro de 1267, sabendo nós apenas o que n'ellas se tratou e assentou, mas não os festejos e regosijos que ellas necessariamente deveriam occasionar, pelo socego e harmonia que traziam aos dois povos irmãos.

(Continúa)

BRITO REBELLO.

## BIBLIOGRAPHIA

HAMLET, tragedia em 5 actos, traducção de Bulhão Pato. — Devemos ha muito tempo um agradecimento e uma saudação sincera a este livro immortal de um supremo poeta, trasladado para a nossa lingua por Bulhão Pato, um grande coração e um bello talento, predicados essenciaes para se comprehender e exprimir a divina linguagem dos Deuses. A critica já fallou da obra: a nossa missão é registral-a e assignalar n'este modesto repertorio o nome do auctor da Paqueta e do sentido livro *Sob os cyrestes*, como o de um trabalhador denodado e prestante, que depois de dotar a litteratura contemporanea com muitos dos seus mais inspirados versos, procura hoje enriquecê-la com obras que vincularão definitivamente o seu nome ás letras patrias. A traducção de que nos occupámos denota, sobretudo, uma grande comprehensão do espirito da tragedia. Para trabalhos d'esta natureza requerem-se principalmente estes dois predicados: sciencia



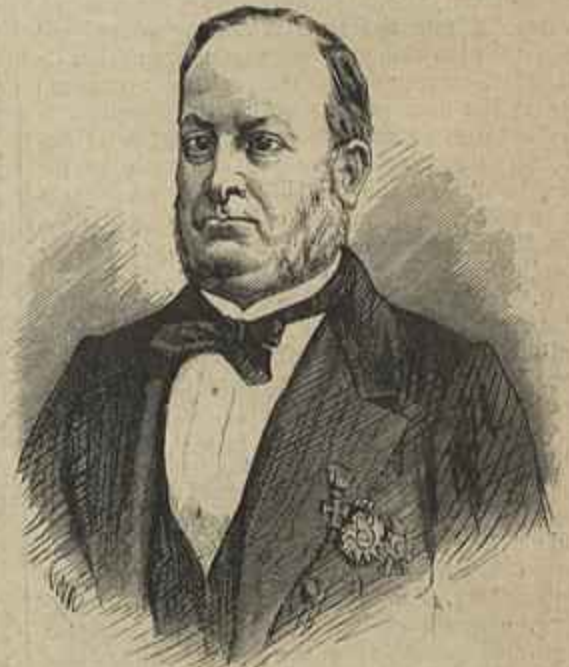
JOSÉ MARIA DA SILVA E ALBUQUERQUE

Fallecido em 16 de abril de 1879 (Segundo uma photographia de Campos)

para o sul, estendiam as fronteiras dos seus estados á custa dos mouros. É natural que se avistassem e que praticassem a invasão de commum accôrdo.

Passados annos, durante o reinado do ingrato, mas habil successor de Sancho II, a proposito da conquista do Algarve, que Affonso III, seguindo a senda aberta por seu brioso mas infeliz irmão, continuára, rehen-taram discordias entre o monarcha portuguez e Affonso X de Leão, que, em quanto infante, recebera em doação essa provincia, do seu ultimo emir, o valente e astuto Mohammed-aben-Mahfot.

Affonso X de Leão marchou para Badajoz a fim de dirigir pessoalmente as operações contra Affonso III, mas não tendo sido d'esta vez tão feliz, como na primeira campanha, que, ainda infante, por tal motivo intentára, veiu a entrar em pacto com o rei de Portugal, devendo te-



OLYMPIO NICOLAU RUY FERNANDES

Fallecido em 2 de abril de 1879

(Segundo uma photographia de L. d'Albuquerque)

das duas linguas e alto sentimento litterario. Bulhão Pato mostrou possuir ambos, e é por isso que o seu trabalho é de alta valia.

ALBUM DE ENSINO UNIVERSAL, livro de instrucção popular, por Alberto Pimentel. — É este o titulo de um novo livro com que a Empresa Litteraria de Lisboa acaba de dotar a instrucção nacional. A obra está bem coordenada e denota um bom criterio da parte do seu auctor, que é um escriptor estudioso, extremamente applicado, sabendo dar uma boa orientação ao seu espirito. O livro pretende apenas ser um expositor de ensino: n'esta qualidade pode considerar-se e recomendar-se como uma excellente obra.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6